

## A INTERDISCIPLINARIDADE A PARTIR DA FUNÇÃO EDUCATIVA DAS LENDAS AMAZONICAS NO UNIVERSO INFANTIL

Patrícia de Souza Oliveira ; Arcângelo da Silva Ferreira

*Universidade do Estado do Amazonas - Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP). Email:*  
patricia.oliveira.marinho@hotmail.com

*Universidade do Estado do Amazonas, do Centro de Estudos de Parintins (CESP); Email: asf1969@outlook.com*

### RESUMO

Quando criança quem nunca ouviu uma historia misteriosa que lhe atiçou a imaginação e o medo? Todos os cantos do mundo possuem suas historias locais, responsáveis por constituir a identidade dos grupos sociais, e que podem ser uma fonte fecunda para o trabalho com o desenvolvimento de múltiplas capacidades cognitivas das crianças, ainda mais se analisado sob o prisma da interdisciplinaridade. Pensando nisso, o presente artigo objetiva explicitar a função educativa das lendas amazônicas no universo infantil, a partir de uma análise interdisciplinar, tanto no que tange à pesquisa quanto a análise dos dados. Para compreender o problema da pesquisa foram ouvidas as crianças da comunidade rural de Bom Socorro do Zé Açú, há 14 quilômetros do município de Parintins – AM. Através de entrevistas semiestruturadas, reproduções imagéticas (desenhos livres elaborados pelas crianças) e análises dos dados à luz de teóricos como Fazenda (2002,2001), Florestan Fernandes (1989) e Bruno Betelheim (1980) pode-se compreender que tanto a comunidade circundante, com a perpetuação da inteligência ecológica implícita nas lendas, quanto a escola, e suas disciplinas curriculares, podem utilizar as lendas amazônicas com uma abordagem educativa em relação às crianças, sendo que no ambiente escolar elas podem ser aliadas à abordagem interdisciplinar, considerando os alunos como produtores do conhecimento, de forma a perceber que todos os elementos do cotidiano, por mais simples que aparentem ser, só podem plenamente decifrados a partir da libertação das formas de pensamento convencionais e assumpção de novas formas de inteligência.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade, Crianças, Lendas amazônicas.

### ABSTRACT

As a child who ever heard of a mysterious story that piqued his imagination and fear? All over the world have their local stories, be responsible for the identity of social groups, and that can be a fruitful source for the work with the development of multiple cognitive abilities of children, especially if analyzed from the perspective of interdisciplinarity. With that in mind, this article aims to explain the educational function of Amazonian legends in the infant universe, from an interdisciplinary analysis, both in terms of research and the analysis of the data. To understand the research problem were heard children in the rural community of Good Help Ze Acu, there are 14 kilometers of the city of Parintins - AM. Through semi-structured interviews, imagery reproductions (free drawings drawn by children) and analysis of data in the light of theoretical and Finance (2002.2001), Florestan Fernandes (1989) and Bruno Betelheim (1980) can be understood that both the surrounding community with the perpetuation of implicit ecological intelligence in the legends, the school and its curriculum subjects they may use the Amazonian legends with an educational approach to children, and at school they can be combined with interdisciplinary approach, considering students as producers of knowledge, in order to understand all the elements of daily life, however simple it may appear to be, they can only be fully deciphered from the release of the forms of conventional thinking and assumption of new forms of intelligence.

**Keywords:** Interdisciplinary, Children, Amazon Legends.

## INTRODUÇÃO

Todas as regiões do planeta Terra possuem seus mitos, seus contos e suas lendas locais. Afinal, quando criança, quem nunca ouviu uma dessas histórias que lhe atiçou a imaginação ou o medo? O desejo de ouvir e contar histórias parece fazer parte da condição humana. Mas será que tais historietas podem possuir algum valor educativo a seus ouvintes mais jovens? Decerto, só é possível tentar responder esta pergunta através de uma análise interdisciplinar, a melhor forma de buscar a totalidade do conhecimento de acordo com Gusdorf (1974, 1977). Afinal, disciplinas enclausuradas produzem conhecimentos limitados.

Assim, tendo como base diversos campos do saber: a psicanálise infantil de Betelheim (1980), a antropologia de Fernandes (1989) a Lei de Diretrizes e Bases, entre outros, intenta-se aqui, responder a indagação acima, a partir da análise de uma comunidade do interior do estado do Amazonas.

As comunidades rurais amazônicas carregam uma identidade única, que difere da zona urbana na mesma região. Na Comunidade do Zé Açú não é diferente, mas mesmo possuindo diversas características urbanas, a face rural é predominante.

Nesse contexto, as crianças dessa comunidade participam de sua cultura através desses contos, como do Curupira, da Cobra-Grande e do “Homem da Calça Molhada”, este último, uma história local. Entretanto, tais historietas não representam meras “lendas” na mentalidade dessas crianças, mas personagens legítimos do seu dia-a-dia, que despertam as mais variadas sensações e atuam diretamente no processo de formação dos pequeninos.

Nesse sentido, urge refletir sobre as possibilidades de educação interdisciplinar a partir da função educativa que as lendas amazônicas exercem no universo infantil das crianças da comunidade rural de Bom Socorro do Zé Açú, verificando quais os valores educativos que a própria comunidade ensina às crianças por meio desses relatos, a fim de analisar de que forma a escola também poderia utilizar esse recurso no trabalho com a interdisciplinaridade, posto que assim torna-se possível amenizar as dificuldades na aplicabilidade desse método de ensino tão necessário para a revolução educacional que sonhamos. Afinal, iniciar o trabalho docente com algo relativamente novo como o ensino interdisciplinar a partir dos conhecimentos prévios dos alunos se torna muito mais fácil do que iniciar essa forma de ensino com algo abstrato e distante da realidade das crianças.

Portanto, o presente artigo constitui uma fonte fecunda para pesquisadores da área e profissionais da educação em geral, pois aborda, de forma prática, como utilizar a



interdisciplinaridade no processo de pesquisa e ensino, mais especificamente, referindo-se às lendas amazônicas dentro do universo infantil de uma comunidade rural do estado do Amazonas.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para desenvolvimento do projeto optou-se pela pesquisa em uma comunidade rural, mais especificamente, Bom Socorro do Zé Açú, localizado há 14 quilômetros do município de Parintins - AM.

A partir da pesquisa acerca do que esses contos amazônicos realmente representam para as crianças da comunidade estudada torna-se possível refletir sobre as formas de trabalho com as lendas amazônicas dentro da sala de aula, de uma forma interdisciplinar. Assim, não só é preciso considerar os conhecimentos prévios dos alunos, mas compreendê-los em sua essência, possibilitando, dessa maneira, um maior gama de alternativas para o desenvolvimento intelectual dessas crianças a partir de seus conhecimentos prévios.

Tendo em vista todos esses aspectos e levando-se em consideração a necessidade de ouvir as vozes das crianças, procurou-se o maior local de concentração dos pequeninos: na escola da comunidade. Assim sendo, fez-se uma roda de conversa com uma turma do 4º ano Ensino Fundamental, cuja faixa etária média era de 10 anos, a fim de descobrir quais os personagens míticos das lendas locais mais presentes no grupo social no qual as crianças viviam, tentando verificar o que essas histórias representavam para elas. E posteriormente, pediu-se que desenhassem os personagens das histórias comentadas na roda de conversa. Tudo mediante autorização da escola, das crianças e da ficcionalização de seus nomes ao decorrer do artigo.

Por fim, na observação do material recolhido, procurou-se fazer uma análise interdisciplinar a fim de verificar como esses contos folclóricos podem atuar no processo de formação educacional – formal ou informal – das crianças da comunidade estudada.

## Interdisciplinaridade na Pesquisa e Ensino

*“As capelas científicas, fundadas sobre o signo da especialização, vivem muito mais a vontade num mundo fechado, onde a verdade de cada um é menos contestada, do que num mundo aberto, onde estão expostas aos ventos da crítica.”*

Para compreender qual a função educativa das lendas amazônicas para as crianças é imprescindível uma análise interdisciplinar. Mas afinal, o que significa isso? De acordo com Ivani Fazenda (2002) a interdisciplinaridade parte do pressuposto de que nenhuma forma de conhecimento isolada é racional, logo, é preciso o diálogo com outras formas de conhecimento, interpenetrando-se a fim de buscar respostas mais completas. Nesse sentido, o conhecimento do senso comum também se torna válido, a partir do diálogo com o conhecimento científico, posto que, muitas vezes, é ele o que norteia nossa vida.

As lendas amazônicas podem se encaixar no conhecimento escolar a partir desse princípio explicitado por Fazenda (2002), pois elas compõem o senso comum e as formas de interpretação de mundo de um determinado grupo social. Portanto, considerá-las no ambiente escolar pode ser o ponto de partida para a interdisciplinaridade no trabalho docente.

Contudo, isso só é possível se o professor assumir a postura de pesquisador, usando a interdisciplinaridade no seu próprio pensar para, em seguida, ensinar seus alunos a fazerem o mesmo. E tal método, nada mais é do que a interação entre conceitos, teorias e métodos das diferentes disciplinas. Segundo Gusdorf (1990 apud POMBO, 1994) o pensamento interdisciplinar evoca um espaço comum, um elo de ligação entre distintos saberes. Portanto, ela supõe abertura das formas de pensar e da curiosidade humana.

Mas apesar de tantas consequências benéficas que a interdisciplinaridade pode trazer, na maioria das instituições de ensino básico e superior ela não acontece plenamente, estando sempre muito presente nos discursos, mas ausente no cotidiano das salas de aula. Sobre essa resistência a pesquisa interdisciplinar e insistência no isolamento das disciplinas Gusdorf (1977, p.618) comenta que:

[...] reduzidas às próprias fontes por uma injustificável divisão do trabalho, a "literária" e a "científica" são cegas pela metade: uma parte considerável do campo epistemológico é para elas como se não existisse, sofrendo ambas de uma amputação fundamental.

Isso ocorre essencialmente devido a alguns valores historicamente construídos e perpetuados, tais como a hierarquização do saber; a falta de diálogo entre os protagonistas da escola



(professores, alunos e a gestão) e a fragmentação da prática na e da escola (FORTUNATO, et al 2013).

Talvez o problema mais grave entre os citados, seja a hierarquização do saber, pois é o mais profundamente enraizado na lógica contemporânea, ocorrendo devido às disciplinas consideradas “mais importantes” na sociedade – ou mais produtivas sob a ótica capitalista – e seus professores muitas vezes se negam a incluir outras consideradas menos produtivas para o desenvolvimento intelectual do aluno, consolidando, assim, a cultura do pensamento enjaulado, também conhecido como alienação da lógica capitalista, afinal, a escola é apenas reflexo da sociedade na qual está inserida.

Mas apesar dos obstáculos, a interdisciplinaridade está intensamente presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), nas Leis de Diretrizes e Bases (LDB), os Referenciais Curriculares Nacionais (RCN) e nos Projetos Políticos Pedagógicos da maioria das escolas nacionais. E se posta em prática, pode produzir inúmeros benefícios para a prática pedagógica dos professores, afinal, conforme Fazenda (2001, p.11-12) a interdisciplinaridade exige e promove “humildade, coerência, espera, respeito e desapego”, numa constante práxis docente. Além disso, numa sala de aula com este método:

[...] a autoridade é conquistada, enquanto na outra é simplesmente outorgada. Numa sala de aula interdisciplinar a obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância, pela humildade; a solidão, pela cooperação; a especialização, pela generalidade; o grupo homogêneo, pelo heterogêneo; a reprodução, pela produção do conhecimento. [...] Numa sala de aula interdisciplinar, todos se percebem e gradativamente se tornam parceiros e, nela, a interdisciplinaridade pode ser aprendida e pode ser ensinada, o que pressupõe um ato de perceber-se interdisciplinar. [...] Para a realização de um projeto interdisciplinar existe a necessidade de um projeto inicial que seja suficientemente claro, coerente e detalhado, a fim de que as pessoas nele envolvidas sintam o desejo de fazer parte dele (FAZENDA, 1994, p. 86-87).

Portanto, o pensamento interdisciplinar não se limita ao espaço epistemológico, pois abrange também atitudes e valores humanos que atuam diretamente no processo de formação dos educandos e dos próprios educadores.

Mesmo com a profusão de informações acerca do que é, de fato, a interdisciplinaridade, a prática acaba se mostrando um pouco confusa para os que desejam começar a trilhar esse caminho renovador. Entretanto, o que os professores devem ter em mente é a necessidade de assumir a postura de pesquisador cujo maior objetivo inicial é conhecer os sujeitos que compõem sua sala de aula, dando voz ao que as crianças têm a dizer sobre si e sobre sua bagagem cultural, no caso deste

projeto, isso ocorreu através da valorização das lendas locais, verificando respostas surpreendentes acerca do real significado desses contos para o universo infantil.

A percepção das crianças como sujeitos produtores de conhecimento é o ponto de partida para qualquer trabalho pedagógico interdisciplinar, que poderá fluir com facilidade se isso for respeitado, ficando os próximos passos, à cargo do professor e sua vontade de revolucionar o processo educacional.

### **Percepções das lendas amazônicas no imaginário das crianças**

Criaturas como o Curupira, o Boto, a Mãe d'água e a Cobra-Grande podem ser bem vindas dentro de uma sala de aula interdisciplinar. Contudo, há uma condição: o cuidado com o tratamento dado a esses temas em um ambiente rural amazônico, pois se forem denominados “folclore” ou mesmo “lendas” podem gerar desconforto ou até uma sensação de desrespeito com a cultura das crianças presentes nesta sala de aula.

A cultura popular pode ser facilmente inserida no trabalho docente – apesar de ser um tema delicado nos currículos escolares devido os esforços da classe dominante em enfraquecê-la – porém, é preciso alguns cuidados, partindo do pressuposto de que é “uma força significativa na formação de visão que o aluno tem de si mesmo e de suas relações com diversas formas de pedagogia e de aprendizagem” (Giroux, 2002, p.97).

O primeiro cuidado ao optar trabalhar com os contos e lendas locais é entender o que essas historietas significam para os sujeitos que a perpetuam. No caso da comunidade amazônica rural é comum que alguns desses contos não sejam considerados meras fantasias, mas personagens reais que convivem com os moradores dessas regiões. Nesse sentido, os mais velhos transmitem esse repertório cultural às crianças, que ouvem respeitosamente e internalizam tais informações.

Portanto, se um professor adentrar nesse meio social afirmando que tudo não passa de folclore fantasioso e que deve ser trabalhado apenas em disciplinas como Artes ou no dia 22 de agosto (dia do folclore), a criança pode ver seu mundo fragmentar-se, tornar-se confuso ou ficar apática diante de tais aulas alienantes.

Assim sendo, o docente que opta por trabalhar a interdisciplinaridade através dos contos locais deve iniciar tal método pedagógico pela sua pesquisa pessoal, tendo em vista que é um historiador chamado Mircea Eliade (2000, p.09) que nos ensina como lidar com essas lendas, que nada mais são do que derivações dos mitos antigos:



O que antes de mais nada nos interessa é captar o sentido dessas estranhas formas de conduta, compreender a causa e a justificativa desses excessos. Compreendê-las equivale a reconhecê-las como fenômenos humanos, fenômenos de cultura, criação do espírito – e não como irrupção patológica de instintos, bestialidade ou infantilidade.

Isso pode ser exemplificado ao vermos as respostas e representações das crianças acerca do que seria o Curupira:

**Luíza (09 anos):** - *Ele ataca os caçador, tem os pé pra trás e o cabelo vermelho. Os caçadores matam os animais, por isso que o curupira ataca. [...] Quando o homem maltrata a natureza ele é malvado sim.*

Vê-se nesse relato de Luíza o dualismo presente na personalidade do personagem, posto que ele é mal somente quando o homem ataca a natureza. Mas ao serem questionados se as crianças sentiam medo da criatura, todos responderam que não, afinal, segundo as crianças, nada mal era feito por elas contra natureza para que sofressem a fúria do Curupira.



**Figura 1** Desenho de uma aluna, representando o Curupira em seu contexto de atuação  
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2015.

Observa-se no desenho acima, feita por uma das crianças da comunidade rural de Bom Socorro do Zé Açú, que a imagem do Curupira está diretamente relacionada a ideia de preservação ambiental e luta contra destruição da natureza. Portanto, percebe-se que a inteligência ecológica é um pilar importantíssimo para a Educação Rural, e desenvolve-la através de lendas, pode ser um excelente instrumento pedagógico.

Já ao serem questionadas sobre a história da “Cobra-Grande”, todas as crianças afirmaram a legitimidade da existência da criatura, salientando que ela possuiria cerca de 1,5 m de largura e até 7 ou 8 metros de comprimento – medidas verificadas a partir de referências espaciais da comunidade, como dizer que vai da porta da sala até a árvore do outro lado. Além disso, foi dito que

ela seria uma criatura má, que come as pessoas que perturbam sua casa – rios e florestas –, logo, a “Cobra-Grande” também representa a ideia derivada da consciência ecológica, geralmente inconsciente, da região.



**Figura 1** Desenho feito por um aluno, representando a Cobra Grande devorando um peixe, e o Curupira entre as árvores.  
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2015.

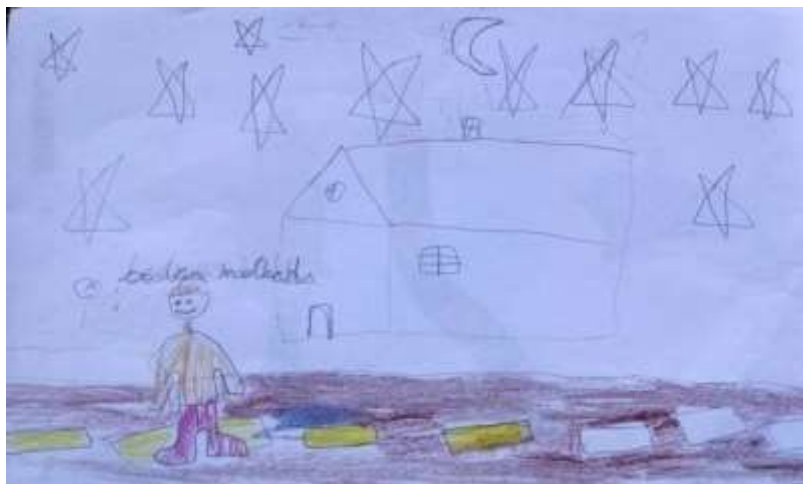
A influência que esses contos exercem sobre a mentalidade das crianças pode ser explicada por Bruno Bettelheim (1980) em sua análise sobre a psicanálise dos chamados ‘contos de fada’, registrados inicialmente por Charles Perrault e os Irmãos Grimm, cuja teoria também pode ser aplicada a perpetuação das lendas amazônicas. Para o autor, consciente ou inconscientemente esses contos interferem no comportamento dos pequenos seres que penetram nesse mundo fantástico. Aprendem como agir em determinadas situações de perigo, além de aprender a lidar com certas emoções e situações do mundo real.

Assim sendo, hoje em dia a essência dos relatos orais destinados às crianças não mudou tanto, afinal, muitas lendas ainda são usadas pelos pais para evitar que seus filhos tomem atitudes consideradas inadequadas ou perigosas, como sair de casa tarde da noite, falar com estranhos ou sair na chuva. Isso pode ser percebido através do relato do *Homem da Calça molhada*, contado pelos avôs das crianças entrevistadas:

**Daniel (10 anos):** *Quando a gente foi pra lá, barulhava muito, batia, batia na porta sem parar. Quando chovia, de noite, a gente acordava de manhã com muito medo. Meus pais diziam que era chuva (risos), mas era o Calça-Molhada.*



Ao analisar as falas das crianças fica evidente que a história do “Calça-Molhada” não representa uma forma de fantasia, segundo a mentalidade de Daniel. Segundo relatos das pessoas mais velhas da comunidade, “Calça-Molhada” era um ser misterioso que aparecia sempre tarde da noite emergindo dos rios com as roupas encharcadas e roubaria qualquer roupa que estivesse do lado de fora das casas, bem como qualquer criança que também estivesse.



**Figura 3** Desenho de um aluno, representando o "Calça Molhada" à noite.  
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2015.

Tendo em vista todas as representações das crianças acerca das lendas locais, evidencia-se que a comunidade já utiliza tais historietas no processo educativo de suas crianças, seja de forma consciente ou não. Através do Homem da Calça Molhada as crianças aprendem de forma implícita, porém sólida, que não devem sair quando estiver chovendo ou em certos horários da noite. Assim como também aprenderam com o Curupira e a Cobra-Grande, apresentados a elas por meio dos seus pais e avós, que não se deve causar nenhum tipo de dano à natureza e sempre zelar pela sua preservação.

Ora, se tais lendas podem desenvolver tamanha conscientização nas crianças das comunidades rurais, o que a escola poderia fazer para expandir ainda mais os horizontes dessas crianças a partir desse conhecimento prévio? Decerto, isso pode ser uma possibilidade não só para o Tema Transversal Meio ambiente, mas para toda e qualquer disciplina, tendo como base a interdisciplinaridade.

## **A interdisciplinaridade a partir da função educativa das lendas amazônicas: das casas da comunidade ao espaço escolar**

A função educativa das lendas amazônicas entre os membros da comunidade Bom Socorro do Zé Açú torna-se clara nos relatos das crianças. A partir destes, pode-se afirmar que a comunidade utiliza as lendas como recurso educativo a fim de estabelecer ideais de comportamento para a própria segurança das crianças. Como explica Bettelheim (1980), esse tipo de narrativa age nas bases das exigências do *id* em conflito com o *superego*, e com os desejos autopreservadoras do *ego*. Isso acontece no momento em que a criança sente a imensa vontade de sair à noite ou na chuva para brincar (*id*), mas a solicitação dos pais (*superego*) pede através das lendas, para que a criança não faça isso, para sua segurança, então ela compreende que realmente precisa ficar em casa, por um bem maior (*ego*).

Percebe-se, portanto, que através do folclore, as crianças não só participam de um sistema de ideias e valores, mas pensam e agem em função dele, quando as circunstâncias o exigem (FERNANDES, 2004).

Tendo como base todas as potencialidades que o folclore advindo da cultura popular tem a oferecer, pode-se começar a pensar nele não apenas dentro dos lares reclusos nas comunidades, mas também dentro das salas de aula nos espaços escolares.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, Art. 26 diz que os currículos do Ensino Fundamental e Médio precisam ter uma base nacional comum, com uma parte a ser complementada por uma parte diversificada, em cada estabelecimento escolar, escolhida em função das características regionais de cada sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Pensando nisso, o folclore pode ser trabalhado por de forma interdisciplinar, tanto como recurso ou objetivo central. Professores de português, de história, de geografia, de ciências, de matemática, etc., poderiam tirar proveito desse elemento tão rico como um recurso de suas aulas (FERNANDES, 2004). Assim como também um professor, principalmente do Ensino Fundamental, pode usar o folclore local como tema principal, comentando sobre o habitat natural das criaturas fantásticas ou as consequências da destruição do meio ambiente que o Curupira quer impedir (Ciências), sobre a possível dimensão da Cobra-Grande (Matemática), sobre as características físicas desses seres (Artes), sobre a história dos seus possíveis lugares de origem (História e Geografia), sobre relatos pessoais de cada aluno através de produção textual (Português), e assim por diante.



Tendo em vista todos os aspectos observados sobre as múltiplas possibilidades do ensino das lendas locais a partir da interdisciplinaridade, pode pensar em outros elementos da cultura popular de cada região, para pôr em prática essa forma de ensino. Afinal, os educadores devem ter em mente que educação interdisciplinar pode tanto partir de um objeto de estudo curricular formal, como de um objeto de estudo não curricular informal, para analisá-lo a partir do diálogo com as mais variadas disciplinas, e, assim, construir conhecimentos sobre elas. Conforme Paviani (2008, p.16), a interdisciplinaridade exige a “necessidade de compreensão de um dado problema complexo, provocado pela própria natureza do objeto de estudo”, ou seja, tudo se resume em buscar compreender, de forma mais completa e racional, a complexidade de um elemento concreto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a interdisciplinaridade através das lendas amazônicas pode ser um excelente recurso ou objetivo pedagógico no trabalho docente. Esse tipo de trabalho faz com que o professor valorize, de fato, a bagagem cultural do aluno, promovendo autonomia das crianças, que sabem que suas vozes estão enfim sendo ouvidas. Isso, desde que o professor investigue e compreenda, de fato, o que essa bagagem cultural do aluno representa.

Feito a pesquisa inicial sobre as representações das crianças acerca de sua cultura, - no caso desta pesquisa, sobre as lendas que permeavam seu cotidiano – o docente poderá iniciar seu plano de aula interdisciplinar, tendo em vista que assim está propiciando o fortalecimento dos campos do saber, e não sua diluição como muitos pensam, além de possibilitar o surgimento de cidadãos mais qualificados para a atuação social, cuja visão mais ampla do mundo e a percepção de que são produtores de conhecimento poderão ter mais capacidade de criar e inovar, apto para a Era da Informação pela qual estamos passando.

Portanto, cabe principalmente aos professores promoverem a revolução das formas de se lidar com o conhecimento em meio a mentalidades das crianças, seja numa pequena comunidade no interior do Estado do Amazonas, seja em qualquer lugar do mundo, que precisam libertar-se dos aprisionamentos arcaicos das disciplinas fragmentadas. Primeiramente, pondo-se como pesquisador, assumindo a ideia de que qualquer criança pode ser produtora de conhecimento, e objetivando descobrir a cultura que as crianças trazem consigo de suas poucas, porém mágicas percepções e experiências.

## REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de fada**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em <<http://www.presidencia.gov.br/ccivil/03/Leis/L9394.htm>>. Acesso em 18 jun. 2015.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998b. v.3. Disponível em: <[http://www.portaleducarbrasil.com.br/Userfiles/P0001/File/RCN\\_vol3.pdf](http://www.portaleducarbrasil.com.br/Userfiles/P0001/File/RCN_vol3.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2015.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva S. A., 2000.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Práticas Interdisciplinares na Escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999. 272p.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GIROUX, Henry A.; SIMON, Roger. **Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular**. In: MOREIRA, Antonio Flavio; SILVA, Tadeu Tomaz (org.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. Tradução de Maria Aparecida Baptista. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2002

GUSDORF, G. **Introduction aux sciences humaines**. 2a. ed., Paris, Editions Ophrys, 1974.

\_\_\_\_\_, G. **Present, passé avenir de La recherche interdisciplinaire**. *Rev. Int. de Sciences Sociales*. 29:627-48, 1977.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educus, 2008.

POMBO, Olga, GUIMARÃES, Henrique, LEVY, Teresa. **Interdisciplinaridade: reflexão e experiência**. 2 ed. rev. aum., Lisboa: Texto, 1994.